

ARTIGO

**OBESIDADE EM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:  
ANÁLISE DISCURSIVA DE INFOGRÁFICO<sup>1</sup>**

*(Obesity in science popularization: discursive analysis of infographics)*  
*(Obesidad en difusión científica: análisis discursivo de infografías)*

Santiago Bretanha <sup>2</sup>  
(PPGL/UFPEL)

Aracy Graça Enrst <sup>3</sup>  
(PPGL/UFPEL)

Recebido em: julho de 2019  
Aceito em: novembro de 2020  
DOI: 10.26512/les.v22i1.26160

---

<sup>1</sup> O presente trabalho trata-se de uma versão desenvolvida e revisada de um trabalho anterior. Cf. Bretanha (2017).

<sup>2</sup> Mestre e doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: santiagobretanha@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: aracyep@terra.com.br.

## RESUMO

*Neste trabalho, objetivamos realizar um exercício de leitura da materialidade infografada orientados pelos princípios teóricos da Análise de Discurso. Elegemos como corpus o infográfico Entenda como a obesidade afeta seu corpo, Discurso de Divulgação Científica (DDC) sobre a sintomologia da obesidade, aqui, tomado como representativo do repositório de infográficos do IG. À construção de nosso gesto interpretativo, atentamos ao DDC a partir da regularidade de um caminho de vaivém entre os discursos da DC e o da Ciência, que não funciona por recobrimento. Ao contrário, essas vias, opacas, traçadas a várias vezes, trabalham (n) o limiar do equívoco e da contradição.*

**Palavras-chave:** Obesidade. Corpo. Discurso de Divulgação Científica.

## ABSTRACT

*In this work, we intended to carry out an exercise of reading infographic materiality guided by the theoretical principles of the Discourse Analysis. We chose as corpus the infographic Entenda como a obesidade afeta seu corpo, Discourse of Science Popularization (DSP) about the symptomatology of obesity, here, understood as representative of the IG infographics repository. To the construction of our interpretative gesture, we attempt the DSP from the regularity of a sway between the discourses of the SP and the science, which does not work for recovery. On the contrary, these paths, opaque, traced by different voices, work on the limit of the mistake and the contradiction.*

**Keywords:** Obesity. Body. Discourse of Science Popularization

## RESUMEN

*En este trabajo, objetivamos realizar un ejercicio de lectura de la materialidad infográfica orientados por los principios teóricos del Análisis de Discurso. Elegimos como corpus la infografía Entenda como a obesidade afeta seu corpo, Discurso de Divulgación Científica (DDC) acerca de la sintomología de la obesidad, aquí, considerado como representativo del repositorio de infografías del IG. A la construcción de nuestro gesto interpretativo, atentamos al DDC desde la regularidad de un camino en espiral entre los discursos de la DC y el de la Ciencia, que no funciona por recubrimiento. Al revés, esas vías, opacas, trazadas a varias voces, trabajan (en) el límite del equívoco y de la contradicción.*

**Palabras clave:** Obesidade. Cuerpo. Discurso de Divulgación Científica

## À GUIA DE INTRODUÇÃO

Em Bretanha (2017), a partir de um levantamento do estado da arte da leitura de infográficos em Análise de Discurso (AD), o autor apontam “a necessidade de que seja construído um dispositivo de análise que abranja o caráter material dos infográficos” (p. 332). Essa constatação reafirma a visão de Nunes (2012), pesquisa pioneira sobre a temática, de que são recorrentes os estudos que tratam da produção de infográficos, porém, são restritos os que refletem sobre sua prática de leitura.

Diante dessa falta, o presente trabalho tem por objetivo realizar um exercício teórico-analítico de leitura da materialidade infografada, orientado pelos princípios teóricos da Análise de Discurso (AD), teoria materialista dos processos discursivos, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil. Para tal, tomamos como *corpus* o infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, Discurso de Divulgação Científica sobre a sintomologia da obesidade, aqui, tomado como representativo do repositório de infográficos do IG.

Na tessitura do gesto de leitura que se leva a efeito, pautamo-nos nos estudos lavrados por Quevedo (2012) sobre o estatuto da imagem e dos textos sincréticos em AD, principalmente no que se referem à noção de *secção discursiva* e a distinção entre *imagem-leitura* e *imagem objeto-empírico*. Ainda, aportamo-nos nas reflexões de Authier-Revuz (1990, 1999) a respeito do Discurso de Divulgação Científica no seio de sua teoria da heterogeneidade voltada, proeminentemente, ao estudo das formas do discurso relatado.

## 1. PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Em *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade*, Orlandi (2010) traz à tona uma metáfora empregada por Walter Benjamin, em sua VII tese. Aí, o trabalho do historiador é o de “escovar a história a contrapelo”, construir uma narrativa histórica alternativa à tradicional, concebida sob a ótica dos vencidos. Não é acaso Orlandi mobilizar essa alegoria; a AD, assim como a teoria da história benjaminiana, se propõe a escovar a contrapelo; seja a história, sejam os discursos.

Tendo por fundador Michel Pêcheux (1938-1983), a AD propõe-se como uma teoria materialista dos processos discursivos. Compreendido como “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1990, p. 82), o discurso é instância em que estão imbricados o sujeito, a língua e a história; e, como a AD se detém em analisar estes efeitos de sentido, institui-se como uma disciplina de entre-lugar, (inter)relacionando em seu corte epistemológico três campos do saber, a distinguir: a Linguística, o Marxismo e a Teoria do Discurso.

Ao ressignificar estes domínios de conhecimento, sob o atravessamento de uma *teoria não subjetiva da subjetividade* de ordem psicanalítica, Pêcheux abandona a noção de sujeito ideal, investido de soberana racionalidade e consciência. O sujeito em AD não é o centro do dizer, e tampouco sua origem: é clivado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. Nessa ordem, “ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido” (ORLANDI, 2004, p. 56-57) em certas condições de produção.

A partir destes princípios, e tendo em vista, em específico, as condições de produção, Orlandi (2001) distingue três momentos articulados à produção/funcionamento dos discursos; são eles: a *constituição*, a *formulação* e a *circulação*. Enquanto o primeiro momento diz respeito à memória do dizer (interdiscurso) e o segundo diz respeito à atualização dessa memória (intradiscurso), o terceiro se refere à circulação, quer dizer, aos meios de circulação. Conforme a autora (2001, p. 11-12), “os meios’ não são nunca neutros”, e, desse modo, cabe ao analista atentar a “como circulam (em que meios, e de que maneira [...])” os discursos.

Diante da categorização proposta por Orlandi, abordaremos, a seguir, as condições de produção do infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo* em duas seções: na primeira, mobilizamos aspectos relacionados à circulação e às condições de produção imediatas do *corpus*; já na segunda, discutimos questões referentes à constituição e às condições de produção sociohistóricas relacionadas à materialidade em análise.

### 1.1 Circulação: repositório de infográficos do IG

O infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, publicado em 18 de outubro de 2012 no portal IG, é aqui tomado como *corpus* e como materialidade representativa do repositório de infográficos da plataforma. Tal arquivo digital concatena, atualmente, um montante de trezentos e dezenove infográficos, todos produzidos para o IG entre agosto de 2007 e outubro de 2012. O Portal é vinculado ao Internet Group (IG) e foi fundado em 2010, seis anos após o lançamento do provedor IG no mercado. Tal feito constituiu-se como uma iniciativa pioneira no que se refere ao fornecimento de internet discada no Brasil.

Tendo como seus concorrentes a *Uol*, que também era provedora de internet, o *Yahoo* e o *MSN*, o IG diferenciava-se pela oferta de acesso à internet discada de forma gratuita. O IG foi adquirido em 2004 pelo grupo Brasil Telecom, quando foi fundido aos portais BrTurbo e IBest; em 2010 o IG é comprado pela empresa de telecomunicações Oi, em oportunidade da venda da própria Brasil Telecom, e foi revendido, em 2012, à portuguesa Ongoing. Nesse momento, o IG ocupava o ranking de quinto site mais acessado do Brasil.

Devido à popularização da conexão via rádio e fibra ótica, o IG deixou de ser referência na oferta de internet discada, porém, se sustenta enquanto relevante meio de comunicação. Atualmente, o Portal do IG reúne 109 sites, distribuídos entre diversas categorias. Para além destes serviços, damos destaque à seção “Extras”, acessível apenas por meio de busca *online*, que congrega um arquivo dos materiais infografados produzidos para o Portal. Essa é uma atitude inovadora, visto que, em 2007, recém iniciava o movimento de popularização das infografias como facilitadoras do acesso à informação em meio à instauração da sociedade em rede. Destacamos que outros portais seguiram esta mesma lógica, como o Globo, o Estadão, o Uol e a Veja, veículos de grande alcance no Brasil. Assim, hoje, embora seu alcance seja menor, muito em função das novas estruturas da “internet” ao redor das redes sociais, o IG enverga um papel histórico relevante, tanto na hegemonização da rede mundial de computadores, quanto na cristalização de práticas de linguagem que alcançariam efeito de massa. É o caso dos Infográficos, hoje presentes em distintos espaços institucionais, como

a escola e a universidade, que deu vazão a outras práticas, igualmente massificadas, como os mapas/esquemas mentais<sup>4</sup>.

Para Carvalho e Aragão (2012, p. 116) os infográficos são “artefatos produzidos no intuito de comunicar uma mensagem que compõe uma interpretação de dados quantitativos”. Embora os associemos ao avanço da informática e à “modernização”, para De Pablos a infografia existe “desde a primeira união comunicativa de um desenho ou pintura reforçados por um texto alusivo” (tradução nossa). Assim, a infografia é a configuração “impressa de um binômio imagem + texto (bI +T), qualquer que seja o suporte onde se apresenta essa união informativa: tela, papel, plástico, barro, pergaminho, papiro, pedra” (DE PABLOS, 1998, p. 19, tradução nossa).

Tem-se, na definição de De Pablos, uma proposta generalista de que quaisquer associações bI+T possam ser compreendidas como infografia, reafirmada por Carvalho e Aragão. Contrapondo-se a essa visão, Rajamanickam situa que “construir a representação visual da informação não é mera tradução daquilo que pode ser lido para aquilo que pode ser visto” (2005, p. 2, tradução nossa), isto é, infografar “implica filtragem da informação, estabelecer relações, diferenciar padrões e representá-los de uma forma que permitam ao leitor compreender que tal informação constrói algo com significado”. (RAJAMANICKAM, 2005, p. 2, tradução nossa).

‘Representação visual’, ‘representação verbal’, ‘significado’ e ‘informação’ são, assim, palavras-chave para referir-se aos infográficos. Embora não concordemos epistemologicamente com as definições apresentadas acima, pautadas na ótica do *design* gráfico, se faz importante relevá-las pois nelas imbricam-se três imaginários: **primeiro**, o de que os infográficos comunicam uma mensagem - a língua é entendida como meio de comunicação, e, nesse contexto, as mensagens são homogêneas, plenas, atreladas à contenção dos sentidos; **segundo**, os infográficos são interpretações de dados - são textos que sintetizam, esquematizam, especificam, ordenam (etc.) informações de um texto X em uma formulação infografada Y; **terceiro**, os infográficos são uma contextualização visual - a imagem possui estatuto ilustrativo em relação à escrita.

Esses imaginários, articulados à constituição da materialidade significativa, estão atrelados ao que se entende por repositório, e ao próprio modo como esse arquivo “circula”, ou, melhor, faz circular sentidos.

Em um estudo histórico da cultura letrada, Chartier discorre sobre a construção dos arquivos renascentistas, os quais obedeciam ao pretensão objetivo de concatenar “tudo o que se necessitava saber sobre” (MITTMANN, 2014, p. 33). A partir desse enunciado, Mittmann aponta imaginários

---

<sup>4</sup> Um apontamento relevante, e que se soma a essas afirmativas, é a de que hoje (02/10/2020) o IG não mais mantém um repositório de infográficos, embora continue a produzi-los. Ao invés de conformarem uma seção à parte na rede, estão organicamente incorporados às publicações/notícias.

circunscritos aos antigos bancos de dados que se mantém nos atuais arquivos, dentre eles, “a ilusão da naturalidade, de que as coisas e os fatos são como/porque são” (p. 33) e “a ilusão da universalidade e transparência dos sentidos” (p. 33). Ao propor uma página como “repositório”, dá-se a ela um efeito de totalidade, como se tudo fosse possível dizer e arquivar.

Considerando a opacidade da linguagem, cabe ao analista de discurso colocar em questão estes imaginários sobre o arquivo, tomando-o como um suposto “todo” “(in)disponível, (im)possível de ser discursivizado, contido e apreendido” (MITTMANN, 2014, p. 33), que ao mesmo em que dá a saber, é constituído por aquilo que não deve ser conhecido. Na leitura de Mittmann o arquivo é constituído por práticas que tendem à manutenção dos sentidos, embora, em contexto digital, os efeitos de naturalidade, transparência e universalidade sejam “postos, frequentemente, em suspenso diante dos movimentos dos internautas, a partir da formulação e circulação de novos discursos, antes não previstos” (MITTMANN, 2014, p. 33). Sob essa ótica, o arquivo de infográficos do IG é clivado por uma ambiguidade fundamental, pendendo entre a “determinação do que pode e deve ser dito e a transformação” (MITTMANN, 2014, p. 37).

Dito isso, e distanciando-nos da pretensão de uma exaustividade horizontal, aqui, adentramos no arquivo através de um recorte, pautado em duas regularidades: primeira, o campo discursivo ‘corpo’, que nos permitiu chegar ao recorte de cinco infográficos: “Entenda como a obesidade afeta seu corpo”, “Os efeitos do Crack no corpo”, “A ressaca dentro do corpo”, “Como o cigarro afeta o corpo”, e, “Qual o melhor vestido de noiva para seu tipo de corpo”; e, segunda, a constituição em Discurso de Divulgação Científica, comum aos quatro primeiros infográficos anteriormente mencionados. Dados os limites materiais desse artigo, tomamos como representativo do arquivo, e como *corpus*, o infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo* inserido na seção ‘Saúde’ do arquivo, a materialidade constitui-se como um texto de Divulgação Científica sobre a sintomalogia da obesidade no corpo, reformulando, para isso, discursos-fonte de instituições como a ABESO (Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade) e ASO (*Association for the Study of Obesity*) sem, no entanto, reportar-lhes diretamente.

## 1.2 Constituição: ‘corpo’ e ‘obesidade’ no Discurso de Divulgação Científica

*Entenda como a obesidade afeta seu corpo* mobiliza, em sua constituição, memórias do que é “científico” do que é “publicizável”. São essas algumas das particularidades do Discurso de Divulgação Científica (DDC), que, segundo Baalbaki, é um discurso constituído por duas ordens: “da ciência e do cotidiano” (2010, p. 84). Em sua realização enunciativa abre-se lugar à configuração de três posições diferentes: as da ciência, do leitor e do divulgador. Para Baalbaki (2010, p. 84), baseada

em Authier-Revuz (1999), a primeira posição, a da ciência, “é ocupad[a] por múltiplas pessoas empiricamente identificadas, as quais produzem, pela autoridade atribuída, uma garantia de seriedade da voz que ‘diz a verdade’ na divulgação”. A segunda posição, “aquele[a] que o texto propõe ao público-leitor ocupar, é construído por uma imagem explícita, através de pequenas marcas, de seu destinatário”. E, por fim, a terceira posição, a do divulgador, “é ocupad[a] por um enunciador com ‘um estatuto de comentador-compiler’, um mediador”.

Os textos de DDC são, segundo Baalbaki (2010, p. 85) “marcados pela intensa passagem de um texto a outro” e, segundo a autora, “[é] este contínuo retorno da relação interior/exterior que marca a alteridade do DDC”, em que “ora a palavra científica é designada como um corpo estrangeiro em relação à “língua” do receptor”, “ora o contrário, as palavras familiares suscitam um distanciamento da “língua científica”. As marcas dessa formulação são entendidas por Authier-Revuz (1999) como marcas da heterogeneidade enunciativa. O conceito de heterogeneidade enunciativa, proposto por Authier-Revuz (1990, p. 32), se constitui a partir do pressuposto de que a língua é, por condição, heterogênea. Essa heterogeneidade assume duas ordens, uma constitutiva *do* discurso, e, outra, mostrada *no* discurso que “representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição”.

Tomando por eixo a heterogeneidade mostrada, no seio da representação do discurso outro, Authier-Revuz (1999) constitui estudo referencial acerca do DDC, em que busca refletir sobre a função e o funcionamento de textos filiados ao discurso de divulgação. Seus *corpora* constituem-se a partir de enunciados provenientes de revistas especializadas em divulgação científica (DC) e de artigos científicos do *Le Monde*. A partir de análises, a autora considera que a função básica da divulgação científica é a de mediar a interlocução entre ciência e público-leitor, isto é, tornar acessíveis ao público leigo saberes advindos da inovação em ciência. Assim sendo, para Authier-Revuz, a DC se insere em um grupo amplo que compreende textos de reformulação, junto à tradução e ao discurso pedagógico, por exemplo.

Desse modo, “a verdadeira regularidade desses textos é o estabelecimento [...] de um caminho de *vaivém* entre esses dois discursos, de *um lugar* em que se realiza uma colocação em contato. (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 13, grifos da autora). O que distingue os textos de DC de outras realizações de reformulação é a explicitação de seu dialogismo – ao fazer DC revela-se esse fazer. Frente ao distanciamento entre a ciência (cientista) e o público-leitor de DC, a prática de DC opera na reformulação de um discurso-fonte (D1) em um discurso segundo (D2), isso devido ao leitor de DC ser diferente do leitor de discurso científico, propriamente dito.

No *corpus* em análise, atentamos a uma especificidade: a do corpo obeso no DDC. Nele, tem-se uma construção historicamente ambígua, que é a do corpo obeso. Atravessada pelo discurso médico-científico, e, de mesmo modo, pelos discursos religiosos, midiáticos e da sociedade da aparência, a obesidade é ressignificada no decorrer dos tempos, e as imagens de um corpo gordo oscilam entre as representações da “glotonaria soberba” da Idade Média, a “impotência” e “descapacidade” do corpo gordo moderno e a “estigmatização” da obesidade na modernidade recente (VIGARELLO, 2012). Interessa-nos, portanto, o corpo gordo como objeto de disputa de sentidos.

Historicamente, podemos remontar a partir dos estudos de Vigarello (2012) alguns destes embates. A exemplo, no Iluminismo, mais precisamente na *Enciclopédia*, se registra a palavra obesidade por primeira vez sob definição de “corpulência excessiva”. Nessa mesma conjuntura, cujo ápice é a Revolução Francesa, o gordo passa a ocupar o campo literário como crítica metafórica aos abastados e aristocratas. Segundo Vigarello (2012, p. 176), a partir daí “o tratamento da gordura pôde então ser amplamente reorientado”, dando vazão a censuras ao gordo burguês do séc. XVIII. Também é nessa época que, mais fortemente, incide o discurso médico-científico sobre o corpo gordo, tomado como alvo de estatísticas e números; pela primeira vez as categorias Peso - Estatura - Sexo são relacionadas para o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC).

Tais construções são ainda mais distendidas com a filosofia romântica, quando a magreza passa a ser idealizada, ao passo que os efeitos da gordura são, gradativamente, catalogados pela medicina, instaurando-se novas categorizações, como a de iminência mórbida (VIGARELLO, 2012, p. 228). Com esses deslocamentos, e no seio da “modernidade”, quase que se apaga o imaginário do “gordo afortunado”, que passa a ser calcado na imagem do “gordo infeliz” e do “gordo desleixado”, quase que a materialização de um sintoma do capitalismo. Socialmente, o “conhece-te a ti mesmo” socrático tende para o “cuida-te a ti mesmo”, e entre a difusão da pesagem e a construção de novos padrões estéticos de corpo, as práticas bioascéticas são supervalorizadas, principalmente pela publicidade, já, em ascensão.

O corpo, até então encoberto por grossas camadas de roupa, começa a ser exposto na modernidade; não qualquer corpo: ostenta-se o corpo “padrão”, “esbelto”, ao passo que o corpo gordo é interdito frente à descoberta dos músculos. Uma nova estética, impossível, se institui e a imagem de corpo entra em conflito; o corpo obeso desloca-se do campo político para ocupar o das ciências biológicas e da saúde. Na transição para a modernidade, se instaura, segundo Vigarello (2012) uma “revolução da magreza” (p. 282), assim como a ideia de obesidade enquanto “epidemia” (p. 315): multiplicam-se as patologias e os sintomas (p. 302). Nas palavras do sociólogo,

[a] partir dos anos 20 do século passado, a ruptura acelera-se, um aumento de compaixão leva a ‘encarar’ de modo inteiramente diverso as enfermidades

anatômicas. Seu espetáculo passa a ser apenas sofrimento e sua aparência, uma visão insuportável. O enrijecimento das normas transformou-as em ‘obesidades monstruosas’ [...]. Sua realidade pertence exclusivamente à ciência e não mais ao olhar divertido, à curiosidade. A ‘polícia do olhar’ afasta-as. A escala geral de avaliação deslocou-se, portanto: os casos de obesidade são apontados de modo mais precoce, a própria gordura preocupa mais, ainda que inserida no universo cotidiano, ao passo que a gordura extrema resvala para o inominável, para aquilo que só o olhar científico consegue encarar. (VIGARELLO, 2012, p. 299).

Pensar desse modo, sob a ótica médico-científica, presume tratar de um corpo socialmente abjeto (incomodamente visível e ao mesmo tempo marginalizado), imaginariamente alçado ao estatuto daquilo que só figura no consultório; desmembrado, em última instância. O obeso, assim, é abordado sob a ordem do “não-humano”, do “monstruoso” (em uma de suas acepções etimológicas, monstro deriva do latim, *monstrum*: portento, sinal do que está por vir; em possível paráfrase, sintoma).

## 2. FORMULAÇÃO: AS IMAGENS DE CORPO GORDO EM ANÁLISE

As considerações teóricas, até aqui traçadas, buscaram sustentar dois princípios: primeiro, o de que o infográfico, enquanto DC, trata-se de uma materialidade constituída por imagens de “totalidade” e de “contenção de sentidos”; segundo, o de que o corpo gordo, enquanto objeto da DC, trata-se de uma construção imaginária determinada por certas condições de produção. Esses princípios são fundamentais para as análises apresentadas a seguir, porque colocam a formulação dos sentidos em (sobre)determinação de sua constituição e de sua circulação.

Antes de dedicarmos-nos à análise intradiscursiva do *infográfico Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, faz-se necessário que explicitemos nosso recorte.<sup>5</sup> Orlandi (2015) lembra-nos que o trabalho de análise tem início com a configuração do *corpus*, “delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções” (p. 64-65). Isso se dá devido à AD ter “um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise” (ORLANDI, 2015, p. 65). Nesse sentido, *recorte* é entendido como “gesto analítico de recortar [que] visa ao funcionamento discursivo, buscando compreender o estabelecimento de relações significativas entre elementos significantes” (LAGAZZI, 2007, p. 1).

Diante de nosso *corpus*, que se trata de uma materialidade “verbo-visual”, buscamos aporte em Quevedo (2012), que constitui em seu *gesto de reparar (à) a gestão dos sentidos* parâmetros gerais

---

<sup>5</sup> Cabe, nesse ponto, destacar que em AD a construção metodológica não é um a priori ao gesto interpretativo. Antes disso, constrói-se em razão das especificidades materiais do discurso em análise e dos objetivos de pesquisa. Constrói-se, dialeticamente, no batimento entre descrição e interpretação.

para análise de imagens e/ou *textos sincréticos*. Sobre este conceito, o autor propõe que, “assim como o texto escrito pode ter uma materialidade (formulação) visual”, o texto visual também “pode estar acompanhado de outras materialidades (formulações): verbal escrita, verbal sonora, gestual, cinética”. Desse modo, o autor prefere “evitar o uso de sintagmas como o ‘discurso visual’, o ‘discurso imagético’ ou o ‘discurso da imagem’”, pois entende que “a imagem não tem ou não é de per si um discurso; é-lhe uma materialidade” (QUEVEDO, 2012, p. 194).

Nos termos da posição assumida por Quevedo (2012, p. 101), “‘imagem’ pode significar tanto a materialidade visual da textualização de um discurso (como objeto concreto de trocas sociais ou como produto da faculdade da visão)” quanto “o resultado da produção de um recorte no imaginário acerca de X (ilusões subjetiva e referencial)”. São distinguidas, então, duas noções: ‘imagem objeto empírico’ (imagem-OE), referente ao objeto concreto, e ‘imagem’, a “produção de uma leitura”. Seu estudo centra-se no segundo conceito de imagem, sendo este, aqui, mobilizado.

Ao desenvolvimento de seu dispositivo de análise, Quevedo aplica as noções de Secção Discursiva (SD) e Sequência Discursiva (SD). O autor defende que a noção de Sequência não se aplica à imagem visto que “(i) não cabe a noção de linearidade de leitura implicada pelo termo ‘sequência’” e “(ii) a discriminação de elementos constituintes da imagem é uma operação de recorte do analista, que secciona a imagem em partes que julga relevantes destacar” (QUEVEDO, 2012, p. 140). Isso não impede que em uma mesma formulação visual (FV) concorram várias SD (Secções Discursivas) e SDR (Sequências Discursivas de Referência).

Expostas as orientações que norteiam nosso gesto interpretativo, faz-se necessário que também exponhamos nossos recortes. Os recortes operados no *corpus* são representações “correlacionadas de linguagem e situação” (ORLANDI, 1984, p. 14), ou melhor, são unidades discursivas abertas, fragmentos de uma situação discursiva. Assim sendo, como salienta Orlandi (2015), o “objeto discursivo não é dado” (p.64); ele pressupõe esforço do analista. Para chegar a ele é necessário, em um primeiro momento, “converter a superfície linguística (o *corpus* bruto) [...] em um objeto teórico” (p. 64), “objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de realidade do pensamento” (p. 64).

Ao total, o infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*<sup>6</sup> é composto por nove lâminas – uma lâmina de capa e outras quatro, duplicadas, voltadas a quatro graus de obesidade: sobrepeso, obesidade moderada, obesidade grave e obesidade mórbida. Em recorte, nos debruçamos sobre duas Formulações Visuais (FV), correspondentes à capa do infográfico e à lâmina da categoria

<sup>6</sup> O *corpus* pode ser consultado em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Como se trata de uma animação em *flash*, é necessário abrir a página em um navegador que não seja o *Chrome* e autorizá-lo a executar o *plugin*.

“obesidade mórbida”, seccionadas em SD e SDR. A primeira FV, foi seccionada em uma SD e uma SDR, ao passo que a segunda FV foi seccionada em quatro SDR. A primeira FV pode ser observada a seguir:

**FV 1** – lâmina de capa

**SD1** (sd 1, círculos/ sd 2, corpo masculino/ sd 3, corpo feminino)

**SDR 1:** “Entenda como a obesidade afeta seu corpo”

**Figura 1 – SD 1**



*Fonte: Portal do IG (2019)<sup>7</sup>*

A **SDR 1**, “Entenda como a obesidade afeta seu corpo”, constitui o título do infográfico em análise e sua formulação estabelece paralelismo morfológico com os enunciados “descubra seu índice de massa corporal” e “ou escolha uma categoria”, que se inscrevem nas três caixas de texto dispostas na FV da lâmina 1 – as três formulações verbais possuem núcleo verbal conjugado no modo imperativo afirmativo e na segunda pessoa pronominal do singular (você). Além disso, a **SDR 1** segue a estrutura sintática verbo (entenda) – sujeito referencial (você) – complemento direto/oração subordinada substantiva objetiva direta (como a obesidade afeta seu corpo), na qual funciona a estrutura adjunto adverbial de modo (como) – sujeito (a obesidade) – verbo (afeta) – complemento direto (seu corpo).

A formulação verbal mobiliza uma estrutura regular ao discurso publicitário/midiático: o verbo em imperativo, e na segunda pessoa do singular, “conduz” o sujeito-leitor “cumprir” determinada tarefa ou ação com fins a alcançar uma consequência X, ainda que seja um sentimento, uma emoção ou alguma forma de realização cognitiva. Dessa maneira, os sentidos em funcionamento na **SDR 1** estabelecem relações de filiação com o discurso publicitário, reafirmando a constituição do DDC enquanto atravessado por esse campo.

<sup>7</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Por sua vez, o sujeito referencial pressupõe uma posição sujeito-leitor que estabeleça relação de “filiação” com os sentidos que constrói. Fazemos tal afirmação baseados na observação do funcionamento das marcas linguísticas "Entenda" e "seu". A primeira marca, “Entenda”, ou melhor, a desinência pessoal do verbo, aborda o interlocutor/leitor que “não entende, e quer entender”. Já a segunda marca, "seu", aborda esse mesmo interlocutor/leitor que “não entende, e quer entender” a estabelecer relações que transcendam o nível da realização cognitiva, expressa por “Entenda”.

Empregamos transcendência no sentido de que, frente ao imperativo do enunciado e ao efeito verdade instaurado pela repetibilidade sintática, os saberes que se inscrevem no fio do discurso (re)configuram a relação da posição sujeito-leitor com o (seu) corpo. Nas palavras de Indursky,

ao inscrever seu discurso na ordem da repetibilidade, o sujeito produz um duplo movimento. Inicialmente retira seu discurso de uma rede de formulações pré-existentes (COURTINE, 1981) e, ato contínuo, re-inscreve seu dizer nesta mesma rede de formulações. Ou seja: os saberes originam-se na rede de formulações e a ela retornam, instituindo uma espécie de moto perpétuo ou, se preferirmos, um ciclo de repetibilidade. (INDURSKY, 2003, p. 103).

Desse modo, o ciclo de repetibilidade atualizado na ordem estrutural funciona em prol de efeitos de verdade. Esses efeitos de verdade filiados ao discurso científico possibilitam ainda outros efeitos de sentido: do discurso da ciência e o da divulgação enquanto “dotados de verdade” e, logo, “estáveis”, “não-questionáveis”, “semanticamente estabilizados”.

Tal mecanismo funciona pela relação causa/consequência atualizada pelo complemento direto da oração principal que, semanticamente, ocupa lugar de “resultado” de X (entenda), ao passo que o sujeito referencial exerce papel de dêitico: preenche-se na/pela leitura, quando o leitor assume a posição sujeito-leitor de infográficos. A exemplo, trazemos “manchetes” de diferentes materialidades que circulam na mídia (notícia, artigo de opinião e infográfico, respectivamente) sob ciclo de repetibilidade da ordem [V - SØ - CD {AAAdv - V - CD}]<sup>8</sup>, ou, melhor, de uma estrutura sintática bastante próxima a ela:

V	Ø	CD
Entenda	(você)	como o índice glicêmico das frutas afeta o organismo <sup>9</sup>
Entenda	(você)	como a eleição de Trump afeta a luta contra o racismo <sup>10</sup>
Entenda	(você)	como uma orquestra funciona <sup>11</sup>

<sup>8</sup> [Verbo – sujeito referencial – complemento direto {Adjunto adverbial – verbo – Complemento direto}].

<sup>9</sup> **Entenda como o índice glicêmico das frutas afeta o organismo.** Disponível em: <<http://www.correiadoestado.com.br/variedades/entenda-como-o-indice-glicemico-das-frutas-afeta-o-organismo/280911/>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

<sup>10</sup> **Entenda como a eleição de Trump afeta a luta contra o racismo.** Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2016-11-20/trump-e-racismo.html>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

<sup>11</sup> **Entenda como uma orquestra funciona.** Disponível em: <<http://on.ig.com.br/som/2015-05-04/entenda-como-uma-orquestra-funciona.html>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

Frente ao núcleo verbal da **SDR 1**, compartilhado pelas formulações acima apresentadas, são “cerceadas” as possibilidades de não-entendimento para a posição sujeito-leitor. Para além, ‘entenda’ mobiliza sentidos de plenitude de informação, que, por sua vez, movimentam o imaginário de que ‘se eu ler **X**, entenderei tudo sobre **Y**’, seja **X** um texto de DC e **Y** determinada informação de um D1 reformulada em D2 (D2, no caso, é um infográfico).

Se por um lado a materialidade em análise reivindica para si o estatuto de “cientificidade”, por outro, não busca ser lida por ser científica, mas por ser “informativa”. Para isso, mobiliza uma série de elementos que, por seu apelo imagético, colocam o verbal em posição de centralidade. Tal afirmação embasa-se, por exemplo, no emprego da tipografia e de certas formas visuais que, por sua configuração, antecipam o olhar do sujeito-leitor e estruturam hierarquicamente os elementos da formulação visual (NUNES, 2012).

Visando os aspectos tipológicos da formulação verbal da **SDR 1**, são empregados dois tipos de fonte, uma primeira, sem serifa, de coloração branca, empregada nas palavras “entenda como a [...] afeta seu corpo”, e uma segunda, também não-serifada, arredondada e de cor amarela, utilizada na palavra “obesidade”. As formulações verbais estão dispostas em uma caixa de texto esférica de coloração preto. Esta formulação atualiza, via pré-construído, a memória sobre a concatenação das cores preto e amarelo como índice de perigo, comum a placas de advertência, ao passo que as letras brancas em contraste monocromático deslocam a atenção para o amarelo. A posição sujeito-leitor, dessa forma, desde o título, é abordada a ficar em estado de alerta, estabelecendo-se os efeitos de sentido de que seu (do leitor) corpo é (contingencialmente) afetado pela obesidade, ou está sob eminência de seus sintomas. Imaginariamente antecipa-se, portanto, uma posição-sujeito específica: a do sujeito obeso, ou em sobrepeso (“devir obeso”), que busca compreender os efeitos de sua condição física para a sua saúde. O que a **SDR 1** coloca em questão, em nível discursivo, é se há limites entre o ser/estar obeso e o ser/estar doente.

Este questionamento é distendido, principalmente, pela **SD1**, constituída pela FV da lâmina 1, exceto pelas caixas de texto; sendo assim, nela, concorrem três elementos constituintes/subsecções discursivas (sd): **sd 1**, os três círculos em marca d’água; **sd 2**, corpo masculino; **sd 3**, corpo feminino. Como dito a pouco, os três círculos que conformam a **sd 1** são distribuídos espacialmente na FV como um alvo, e, no seu centro, estão situadas as **sd 2** e **3**, estando a **sd 3** em posição posterior à **sd 2**. A **SD 1** é disposta sobre um fundo matizado, que vai de um tom escuro de laranja a um tom claro de amarelo; os corpos humanoides que as compõem são de cor branco-acinzentada e repetem a representação gráfica disposta nas lâminas referentes ao sobrepeso (não categorizado como obesidade de acordo com o infográfico).

Considerando que, hierarquicamente, a capa sumariza os saberes mobilizados no/pelo texto, estabelece-se uma contradição: a materialidade tematiza a obesidade, mas é ilustrada por figuras em sobrepeso. Essa contradição remete às palavras de Vigarello, de que “[o] gordo nasce mais cedo nas suas formas discretas, mas os casos ‘extremos’ não podem sequer ser olhados” (2012, p. 299). A obesidade, mesmo quando é tema principal, configura-se como uma eminência parda: a construção visual mobiliza um estado de alerta sobre a sua ordem, a todo instante, mas a sua representação visual, em si, deve ser colocada em segundo plano.

Nesse mesmo sentido, a **sd 1**, por ser disposta em forma de alvo, hierarquiza aquilo que é central e periférico na formulação visual. No centro da **sd 1** temos os corpos, em sobrepeso, masculino e feminino, e, como já observamos, sua coloração é branco-acinzentada e o corpo masculino está posicionado à frente e sobreposto ao feminino. Essa configuração atualiza mais um pré-construído sobre o corpo obeso. Os tons acinzentados, para além de efeitos de sentido de “neutralidade”, assemelham o tom da pele das figuras humanas ao de um cadáver. Suas posturas rijas, de braços em riste em direção ao chão e feições faciais “neutras” lembram a posição de consulente frente ao médico. A formulação visual sustenta, pelo menos, dois efeitos de sentido: o de que esse corpo precisa ser “neutralizado” para que se reduza seu impacto visual no/para o leitor, e de que esse mesmo corpo trata-se de um corpo-objeto da ciência.

Essa interdição, determinada pela interpelação ideológica, aloca a materialidade como aquilo que pode ser dito pelo DDC, em razão de afirmá-lo como científico. Entretanto algo escapa. E porque não existe “neutralidade”, e todo ritual ideológico é sujeito a falhas, pré-construídos de ordem moral da formação social brasileira irrompem: ao representar os corpos, são censurados os mamilos femininos, o homem veste roupas íntimas que lhe encobrem os genitais e seu braço, apenas na lâmina de capa, recobre a região pélvica da mulher, que não possui qualquer vestimenta. Nesse ponto, no movimento da reformulação, a moralidade ordinária interdita o científico.

Esses efeitos de sentido são, de certo modo, reafirmados na **FV 2**, que condiz à seção sobre a obesidade mórbida do infográfico. Dela, consideramos para análise cinco SDR que se configuram a partir do marcador-*link* localizado na parte superior da cabeça do corpo humanoide, ao passo que a SD se constitui pela representação gráfica do corpo masculino “alvejado” por marcadores-*link*.

**FV 2** – Categoria de obesidade Mórbida

**SDR 2** “Sintomas”

**SDR 3** “2X mais risco”

**SDR 4** “De transtornos psíquicos como alterações de humor e de personalidade”

**SDR 5** “A ciência ainda não conseguiu definir se obesidade é a causa da doença ou o contrário”

Figura 3 – SDR 2, SDR 3, SDR 4 e SDR 4



Fonte: Portal do IG (2019)<sup>12</sup>

Ao adentrarmos nas análises da **FV 2**, deparamo-nos com um estranhamento (ERNST, 2009) de ordem sintática, a saber, a topicalização de “sintomas”; construção comum na oralidade, mas menos recorrente na escrita. Conforme propõem alguns linguistas, a ordem sintática do português brasileiro (PB) é característica de línguas de tópico proeminente (voltadas ao discurso) (PERINI, 2010). Nesse contexto, o tópico é noção/função indispensável à análise do PB. Conforme Perini,

[o] **tópico** é um elemento da sentença cuja função é delimitar o assunto principal do enunciado. Ele pode ter, ao mesmo tempo, uma das funções sintáticas tradicionais (objeto, sujeito etc.), mas, como veremos, isso não é necessário. No PB [Português Brasileiro], o tópico é tipicamente marcado por sua posição no início do enunciado. [...] O efeito de colocar o sintagma [...] no início é [...] uma instrução ao ouvinte para entender que o que se segue é um comentário sobre o [tópico] em questão. (2010, p. 331, grifos do autor).

Frente a esse pressuposto, nas **SDR 2** e **3** temos seguinte estrutura, construção em que o sintagma “sintomas” é topicalizado:

<b>Tópico</b>	<b>Comentário</b>
Sintomas	2X mais risco de transtornos psíquicos
[...]	

A formulação da **SDR 2** aloca, hierarquicamente, o sintagma ‘Sintomas’ como núcleo nominal da frase, ao passo que “2X mais risco” quantifica o nome. Essa construção, expressa na relação entre as **SDR 2** e **3**, é repetida em todos os demais marcadores, sendo alterados, apenas, o numeral e o sinal de vezes (X) por outro numeral, ou, ainda, outro numeral e o sinal de por cento (%).

<sup>12</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: < <http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Essa construção reafirma um deslimite entre a obesidade e o patológico e a toma como algo quantificável. Em uma construção paralela, poderíamos ler “Benefícios: 2X menos risco de transtornos psíquicos” como um saber tipicamente relacionado ao “exercício físico”, ou à “alimentação saudável”. Esta relação propõe “exercício físico” e “alimentação saudável” como *hábitos*, o que nos faz questionar se, imaginariamente, a obesidade é vista como *hábito* ou como *condição* corporal. Independentemente da resposta, temos neste funcionamento uma lógica disruptiva que categoriza o corpo dicotomicamente como saudável ou doente e, por isso, a patologização incontornável para a obesidade.

A **SDR 4**, complementar à **SDR 3**, anuncia o sintoma previamente quantificado. Reparando seu funcionamento sintático, temos a frase iniciada pela preposição ‘de’, que configura a **SDR 4** como complemento nominal de ‘risco’, marcando, assim, dependência sintática. Nesse processo de atentar ao intradiscurso, percebe-se que a oração “Sintomas: 2X mais risco de transtornos psíquicos como alterações de humor e de personalidade” é uma construção nominal. Considerando parafrasticamente uma formulação em que o verbo ‘ter’, em sua forma infinitiva, fosse empregado, ele ocuparia a posição “risco de **ter** transtornos psíquicos”, ou, em realizações menos marcadas, “*o sujeito tem* risco de transtornos psíquicos”.

A construção sintática nominal mobiliza possíveis efeitos de sentido, dentre eles, os mobilizados pelo “apagamento” do sujeito sintático que seria solicitado pela regência do verbo “ter”. Diante do apagamento do sintagma verbal, não há possibilidade de um corpo-sujeito, sobrando, apenas, o risco por si mesmo. Sustenta-se um imaginário afastado da obesidade enquanto condição corporal para situá-la, apenas, em nível de sintoma.

Até este ponto, o DDC se configurando como uma “quase” superposição sobre o campo da ciência. No entanto, o *corpus* acaba por, em certos pontos, tornar evidente o distanciamento entre as ordens da divulgação e do científico, em si. O que podemos interpretar a partir da tipografia empregada nas **SDR 2, 3, 4 e 5**. As fontes empregadas tanto nas **SDR 2 e 3**, quanto na **SDR 4** são sem serifas; as duas primeiras escritas em caixa alta, ao passo que as duas últimas são escritas em caixa baixa. Essa distinção demarca a formulação hierárquica das informações, em que o tópico recebe mais ênfase, e o comentário não. Já, na **SDR 5**, mantém-se a mesma tipografia e a caixa baixa, entretanto, recebe destaque em itálico.

Diferentemente das relações de sentidos hierárquicas mobilizadas pelo destaque entre as **SDR 2, 3 e 4**, o mesmo não se aplica à relação entre as **SDR 2/3/4** e a **SDR 5**. O itálico distancia a voz do divulgador da voz da ciência na formulação do enunciado “SINTOMAS: 2X MAIS RISCO De transtornos psíquicos como alterações de humor e de personalidade. *A ciência ainda não conseguiu definir se obesidade é a causa da doença ou o contrário*”.

Nas formas do enunciado há incidência de discurso relatado indireto, quando na **SDR 5** afirma-se que “A ciência ainda não conseguiu definir” se o sintoma afirmado pela **SDR 4** é “verdadeiro”. Estabelece-se contradição entre as posições ideológicas assumidas pelo divulgador e pela ciência no seio da regionalização dos saberes referentes à divulgação científica. Isso confere à **SDR 4**, ao que é reformulado por ela, sentidos de ambiguidade, ao passo que confere à **SDR 5**, e à ciência, autoridade para contradizer-lhe.

A contradição entre o discurso reformulado na/pela divulgação científica e o discurso científico, indiretamente expresso nas **SDR 2/3/4 e 5**, permite entender que a heterogeneidade enunciativa do discurso de divulgação científica não é, necessariamente, de superposição dos saberes do discurso reformulado sobre o discurso-fonte. Dessa forma, ainda que marcada, na formulação, a “regularidade [...] [de] um caminho de *vaivém* entre esses dois discursos [o da DC e o da Ciência]” (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 13, grifos da autora), a função básica do texto de DC, a de tornar acessíveis saberes advindos da inovação em ciência aos leigos, não funciona por recobrimento. Ao contrário, essas vias, opacas, traçadas a várias vozes, trabalham (n)o limiar do equívoco e da contradição. Principalmente quando a “credibilidade” midiática é colocada em questão pelo discurso científico que divulga.

## **A EFEITO DE FECHAMENTO, A CIRCULARIDADE**

A efeito de fechamento de nossa tessitura, propomo-nos retornar a um vocábulo que, acreditamos, concatena as discussões aqui materializadas: abjeto. O termo remonta ao conceito *abjeção*, desenvolvido no seio dos Estudos *Queer*. *A priori*, a palavra deriva do verbo latino *abjectus*, particípio passado de *abjacere* (abandonado, rebaixado; Ab- “para fora” + -jacere “lançar, artirar”) que, em sua acepção etimológica, guarda significado de “característica daquele que é baixo, desprezível”.

Judith Butler, exponencial teórica *Queer*, fortemente influenciada pelo pensamento de Foucault e Derrida, dedica-se a estudos daquilo que é dissidente às normatividades de gênero e sexualidade. Tomamos as palavras da autora em *lato sensu*, quando essa defende que a (hetero)normatividade cria corpos inteligíveis, “considerados aceitáveis, compreendidos, justamente porque estão inscritos dentro da matriz hegemônica” (BUTLER, 2006, p. 281). Embora, nesse contexto, a filósofa se dedique à heteronormatividade, especificamente, nos é proveitosa sua reflexão, a de que essa própria normatividade dos corpos “produz também os corpos impensáveis, abjetos, não inteligíveis”.

Nesse sentido, Butler (2002, p. 162) remonta à consideração de que “[o abjeto] não se restringe de modo algum a sexo e a heteronormatividade. Relaciona-se a “uma produção diferenciada, ou uma materialização diferenciada, do humano”.

Então, não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real. (BUTLER, 2002, p. 162).

Ou, em outras palavras, são construções sociais cuja própria humanidade que se torna questionada.

Em nosso trabalho, que aqui produz seu efeito de fechamento, analisa imaginários de corpo obeso enquanto processos discursivos que se materializam no fio do discurso e que, a nosso ver, em última instância, (re)produzem abjetificação. Esse funcionamento, materializado no discurso médico-científico reformulado/rediscursivizado na/pela divulgação científica, “normatiza” imagens de um corpo “saudável”, em relação disjuntiva com corpos não-saudáveis, que excedem os limites da norma em direção à patologia. À estruturação dessa norma, o corpo obeso desmembrado, monstruoso, doente, figura no nível das representações imagéticas em eminência parda. Isso porque “nasce mais cedo nas suas formas discretas, [e] os casos ‘extremos’ não podem sequer ser olhados. (VIGARELLO, 2012, p. 299). Aí, uma formação discursiva não apenas determina aquilo que (não) *pode* e (não) *deve* ser dito a partir de uma dada posição discursiva em razão de certa conjuntura social, como também determina o sujeito suporte que (não) *pode* e (não) *deve* dizer-se.

Esses apontamentos, pautados nas análises realizadas, convergem para o que Caetano (2019, p. 101) conclui ao analisar discursos de sujeitos autoreferenciados gordos: “O sujeito gordo [...] por não reconhecer para si um lugar de enunciação, não consegue romper os limites da FD; passa, assim, a se subjetivar pelo avesso da evidência” fornecida pelo atravessamento da mídia e da ciência. E é nessas/por essas “evidências” imaginárias que o infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo* encontra sua sustentação..

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. Dialogismo e Divulgação científica. *RUA-NUDECRI*. Campinas, n. 5, p. 9-15, mar. 1999.

- BAALBAKI, A. C. F. *A revista Ciência Hoje das Crianças e o discurso de divulgação científica: entre o ludicismo e a necessidade*. Niterói: UFF, 2010. 308 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2010.
- BRETANHA, S. F. *Análise discursiva de infográfico de divulgação científica: exercício conceitual-metodológico*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura em letras). Universidade Federal do Pampa, Jaguarão.
- BUTLER, J. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Entrevista concedida a PRINS, B.; MEIJER, I. C. In: *Revista Estudos Feministas*. v. 10, n. 1, Florianópolis, janeiro de 2002, p. 155-167.
- BUTLER, J. *Deshacer el género*. Barcelona, Paidós, 2006.
- CAETANO, V. B. L. *Não tem cabimento: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos*. 2019. Dissertação (mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- CARVALHO, J; ARAGÃO, I. Infografia: conceito e prática. *Infodesign*. São Paulo, v. 9, n. 3, p. 160-177, 2012.
- COURTINE, J-J. Analyse du discours politique. *Langages*, Paris, v. 62, n. 127, June 1981.
- DE PABLOS, J. M. *Infoperiodismo: el periodista como creador de infografía*. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.
- ERNST-PEREIRA, A. *A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição/ Interpretação do Corpus Discursivo*. 2009. Trabalho apresentado no IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso - SEAD, Porto Alegre, 2009.
- INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.
- INDURSKY, F. *A memória na cena do discurso*. Memória e história na/da análise do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M. C. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.
- LAGAZZI, S. O recorte significativo na memória. *Anais do III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- MITTMANN, S. Formação discursiva e autoria na produção e circulação de arquivos. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 9, 2014, p. 31-40.
- NUNES, S. R. *A geometrização do dizer no discurso do infográfico*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. *Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba, FIUBE, 1984, p. 9-26.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes: Vozes, 2004.

ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. *RUA* [online], v. 2, n. 16, 2010, p. 5-17.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990.

PERINI, M. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

QUEVEDO, M. Q. de. *Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos: um exercício de análise da imagem com base na análise de discurso*. 2012. 253f. Dissertação. (Mestrado em Letras - Linguística Aplicada) Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.

RAJAMANICKAM, V. *Infographics Seminar Handout*. 2005. Disponível em: <[http://www.schrockguide.net/uploads/3/9/2/2/392267/infographic\\_handout.pdf](http://www.schrockguide.net/uploads/3/9/2/2/392267/infographic_handout.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2018.

VIGARELLO, G. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no ocidente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.